Nota do Editor

Um ano frustrante. A pesquisa de *Conjuntura Econômica* sobre o desempenho das empresas de capital aberto não-financeiras revelou que, à exceção das exportadoras, 2002 não foi bom para as companhias brasileiras. Juros altos, instabilidade cambial, incertezas geradas pela campanha eleitoral e a crise com o Iraque, que poderia elevar os preços do petróleo, foram motivos suficientes para resultados tão ruins.

Pressionadas pelos encargos financeiros e pela retração da economia, as 500 Maiores S.A. do Brasil, que fazem parte do ranking da Fundação Getulio Vargas, tiveram retração acentuada na rentabilidade do patrimônio líquido, que caiu de 6,27% em 2000 para 5,74% em 2001 e despencou para 2,76% em 2002. Resultado pior só o de 1999: 1,2%.

A receita operacional líquida das 500 Maiores de 2002 também foi menor: R$ 523 bilhões, contra R$ 542 bilhões de 2001 (já corrigida pelo IGP-DI) – uma queda de 2,1%. Nos dois anos, o faturamento líquido equivale a 40% do PIB. Embora na média a rentabilidade tenha sido positiva (2,76%), a soma dos resultados líquidos por empresa chegou a R$12,5 bilhões negativos, muito abaixo dos R$23,6 bilhões positivos de 2001.

Outro dado da pesquisa: 215 (43%) das 500 Maiores fecharam o ano com prejuízo. É a segunda maior proporção de empresas no vermelho desde a criação da pesquisa em 1971. O recorde é de 1999, quando 219 (43,8%) tiveram resultado negativo.

Nos EUA, segundo a *Fortune*, o pior ano para as empresas foi 2001, marcado pelo fim da "exuberância irracional" e pelo atentado de 11 de setembro, quando 97 (19,4%) das 500 Maiores ficaram no vermelho.

Para este ano, as perspectivas ainda são desanimadoras. Pode melhorar em 2004, se prevalecer o bom senso. E as reformas saírem. Não de acordo com a vontade de grupos, mas privilegiando os interesses nacionais.

Roberto Fendt
Editor-Chefe
fendt@fgv.br